

Sociedade em Tumulto



BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Versão integral disponível em digitalis.uc.pt

JOANA DUARTE BERNARDES*

Universidade de Coimbra

LIMITE E UTOPIA: A PRAIA COMO LIMIAR¹

RESUMO

Pretendemos com o presente trabalho demonstrar como a praia, pensada como limiar que estimula a acção contemplativa, pode revestir-se de um carácter particular: o da nossa condição temporal e anamnética como caminho da utopia.

Palavras-chave: praia, contemplação, limite, utopia.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to demonstrate how the beach, conceived as a threshold which stimulates contemplation, may assume a particular quality: that of our temporal and anamnestic condition as the pathway to utopia.

Keywords: beach, contemplation, limit, utopia.

Uma reflexão inocente sobre os sentidos que a praia terá para quem dela já fez lugar de vilegiatura conduz à mais despreocupada e óbvia das conclusões: a praia é o lugar em que terra e mar se encontram. No entanto, e ainda que este desenlace pareça evidente demais para ser levado a sério, a verdade é que assim se estabelece a natureza essencial da praia enquanto espaço de limite, dimensão que por ora nos interessa. E, dentro ainda das *cosmofilias* pessoais que fazem da praia também um quase calendário do lazer das populações, descobre-se que esse limite traz consigo o seu próprio questionamento, de tão movente e frágil que é. No entanto, ele não deixa de constituir um obstáculo físico e de funcionar como limiar estrito e punitivo que separa a gritante ductilidade

521

* Doutoranda do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

O trabalho que agora publicitamos insere-se num projecto de investigação mais vasto, subordinado ao tema *Escatologias do Limite*.

da matéria da sua impossível experiência total. Não admira, por isso, que seja tão difícil estabelecer um quadro simbólico para a praia – ou mesmo que essa necessidade não seja tão manifesta². A praia deve, pois, ser sempre pensada enquanto objecto de uma dialéctica simbolicamente subordinada aos seus elementos constituintes. O mesmo será dizer que é da correlação entre ambiente e matéria que os seus significados podem (também) ser inferidos. Daí que possamos dizer que a praia, mais do que um clima, tem uma atmosfera.

Pensar a praia, quer do ponto de vista metafórico, quer do ponto de vista da história das mentalidades, é indissociável de uma hermenêutica do mar-oceano. E, ainda que não seja nosso objectivo a ela proceder, deve vincar-se a premência da simbologia das águas³ já que a inscrição do homem na paisagem está necessariamente implicada no que o sujeito vê e na possível acção sobre o visto. Deste modo, não espanta que, na face romântica do século XIX, se considere que uma das funções do homem de espírito seja a de domar os vestígios do dilúvio⁴. A domesticação do oceano em mar correspondeu, portanto, à metamorfose que a perspectiva da praia sofreu também, ancoradas ambas no optimismo antropocêntrico moderno e na moderna ideia de tempo. Quando a água

² Note-se, por exemplo, a ausência de referências à praia na obra de Gilbert Durand, *As estruturas antropológicas do imaginário*, o que é sintomático se tivermos em conta que o quadro isotópico que o autor traça assenta em regimes de bipolaridades. Assim, as referências à praia encontram-se mais facilmente dispersas e dependentes da explicação simbólica, semiótica ou psicanalítica, dos elementos que a ela surgem associados, como é o caso do recorrentemente citado *Dicionários dos Símbolos* ou mesmo das obras de Mircea Eliade e de Gaston Bachelard. Vide Mircea Eliade, *Imagens e Símbolos*, Lisboa, Arcádia, 1979; Gilbert Durand, *As estruturas antropológicas do imaginário*, Lisboa, Editorial Presença, 1989; Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa, Teorema, 1994; Gaston Bachelard, particularmente, *L'Eau et les rêves: essai sur l'imagination de la matière*, Paris, Corti, 1989.

³ Vide o já citado trabalho de Gaston Bachelard e, comprovando o afirmado, a estrutura de obras decisivas na história dos tempos livres e, dentro destes, da praia enquanto lugar de lazer, paulatinamente conquistado: Alain Corbin, *Le Territoire du vide. L'Occident et le désir du rivage (1750-1840)*, Paris, Champs Flammarion, 1988, Alain Corbin (org. e coord.) *História dos Tempos Livres*. Lisboa, Teorema, 2001 e Jean-Didier Urbain, *Sur la Plage. Mœurs et costumes balnéaires (XIX-XX siècles)*, Paris, Payot, 2002.

⁴ Vide Marie Blain-Pinel, *La Mer, miroir d'infini. La métaphore maritime dans la poésie romantique*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2003, p. 54 e ss.